

DAS SOCIEDADES BÍBLICAS AOS COLPORTORES: A DISTRIBUIÇÃO DE TEXTOS PROTESTANTES NO BRASIL (1837-1920)

*Micheline Reinaux de Vasconcelos**

RESUMO

A distribuição de impressos de teor confessional pelos protestantes foi um traço constante de suas instituições, missionários e convertidos desde o início de sua atuação no Brasil no século 19. O artigo aborda três das principais estratégias de difusão desses impressos em terras brasileiras, a saber, a ação das sociedades bíblicas, o trabalho realizado por missionários e, particularmente, a atuação dos colportores, estando estes entre os principais responsáveis por difundir pelo interior do Brasil a Bíblia, o Novo Testamento, livros e folhetos editados por órgãos protestantes. Destaca-se a relevância dos colportores, por aliarem a função de vendedores ambulantes de textos ao proselitismo, o que os levava a percorrer um amplo espaço e atingir populações residentes nos rincões do país, suprindo, além disso, a carência de pregadores oficiais das confissões protestantes. O período abrangido principia em 1837, dado que, com a chegada ao Brasil do primeiro agente oficial da Sociedade Bíblica Americana, o trabalho de difusão de impressos protestantes torna-se sistemático, até 1920, década que testemunha a passagem para um novo tipo de relação entre a religião católica e o Estado brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

Colportores; Impressos protestantes; Sociedades bíblicas.

* Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); mestra e doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

INTRODUÇÃO

O início das atividades de proselitismo protestante no Brasil começa com a distribuição da Bíblia. Tal divulgação inicia-se com a atuação das sociedades bíblicas, uma de origem inglesa (fundada em 1804) e outra norte-americana (1816), ainda na primeira metade do século 19. Estas sociedades surgiram com o objetivo de divulgar as Escrituras Sagradas, publicando-as em linguagem simples, sem notas ou comentários, devendo ser oferecidas a um *preço que todos pudessem pagar*.¹

Durante as primeiras décadas de sua atuação referente ao Brasil, as sociedades bíblicas distribuíram milhares de exemplares das Sagradas Escrituras.² Neste período, porém, elas não contaram com agentes próprios no território brasileiro, valendo-se de estrangeiros ora no país. As Bíblias editadas por aquelas instituições eram enviadas, inicialmente, através de missionários, viajantes, mercadores, capelães dos portos e capitães de embarcações. Com o ensejo da abertura dos portos do Brasil em 1808, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) tratou de publicar 12.000 exemplares do Novo Testamento em português, em 1809, e mais 5.000 exemplares em 1811. Uma parte dessas duas tiragens foi enviada ao Brasil. Em 1819, a SBBE publicou uma Bíblia em português, cujos primeiros exemplares começaram a chegar ao Brasil em 1821. Segundo Émile Léonard, as caixas com as Bíblias eram “algumas vezes pura e simplesmente abertas na alfândega dos portos do Sul do país, para quem quisesse pegá-las”.³

De acordo com o clérigo e historiador Hugo Fragoso, ao analisar a inserção protestante no Brasil oitocentista, tais organizações se aproveitaram do prestígio da civilização anglo-saxônica, tida como superior nos países latinos, para atuarem na propaganda protestante no Brasil.⁴

Tanto aquelas sociedades enviavam as Escrituras por meio de estrangeiros residentes ou de passagem pelo Brasil, quanto ocorria de estes enviarem pedidos às sociedades bíblicas solicitando a remessa das Sagradas Escrituras. Destes últimos, podemos mencionar o capelão inglês Boys, em passagem pelo Brasil no ano de 1819, o qual relatou que “não há escolas e nenhuma Bíblia à vista, exceto ocasionalmente, aqui e acolá, nas casas dos negociantes europeus”,

¹ GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 30; REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3a. ed. São Paulo: ASTE, 2003, p. 78-9.

² Tanto o Novo Testamento quanto a Bíblia eram traduções católicas de 1773, única possibilidade de terem sua entrada autorizada em território português. Cf. GIRALDI, *História da Bíblia no Brasil*, p. 33.

³ LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: JUERP; São Paulo: ASTE, 1981, p. 42.

⁴ FRAGOSO, Hugo. O protestantismo no Brasil Imperial. In: BEOZZO, José Oscar (Coord). *História da igreja no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 246.

diante do que recomendava que “a distribuição também das Escrituras em português poderia ser efetuada”.⁵

Já em 1821, uma centena de Bíblias e 700 Novos Testamentos, em português e espanhol, foram enviados para a América do Sul pela SBBE. No ano da independência do Brasil, a mesma instituição distribuiu em Pernambuco 676 Bíblias e 1.400 Novos Testamentos.⁶ Em 1823 houve distribuição por “um cavalheiro americano e mais tarde por um cavalheiro inglês”⁷ de Bíblias e Novos Testamentos, também em Pernambuco. Entre 1824 e 1826, S. R. McKay, comerciante britânico radicado no Rio de Janeiro, fazia as vezes de distribuidor e vendedor de Bíblias e Novos Testamentos. As obras foram-lhes enviadas pela SBBE, por intermédio de dois militares (como costumava ocorrer), um capitão e um tenente da Marinha Britânica. Ele se surpreendeu favoravelmente com o interesse da população em adquirir, sobretudo, a Bíblia e, como outros fariam posteriormente, o comerciante apostava no poder da leitura das Escrituras:

Tenho visto entre o povo uma grande avidez de possuir a Bíblia, mas acho que na maioria dos casos isso não nasce do amor ao seu abençoado conteúdo, senão da curiosidade de conhecer aquilo que por tanto tempo foi escondido dos seus olhos. Mas espera-se que, durante o ato de satisfazer essa curiosidade, a influência possa acompanhar o exame dos oráculos divinos, a convicção se torne de tal forma firme e o conhecimento das coisas divinas assim iniciado e aumentado, que sejam feitos sábios para a vida eterna.⁸

A atividade destes indivíduos “ilustra bem a natureza da disseminação da Bíblia no Brasil na década [de 1820], que dependia da boa vontade de capitães de navio, de negociantes, de pessoal diplomático e militar [...]”⁹ Essa atuação perde intensidade nas décadas seguintes, cedendo espaço à atividade dos missionários norte-americanos, que recebiam Bíblias da Sociedade Bíblica Americana (SBA). Não obstante, a atuação de agentes não-oficiais de entidades protestantes estrangeiras foi bastante destacada, segundo as pesquisas de Duncan A. Reily:

⁵ Apud: REILY, *História documental*, p. 56.

⁶ EVERY-CLAYTON, Joyce E. W. *Um grão de mostarda...* Documentando os inícios da Igreja Evangélica Pernambucana, 1873-1998. Recife: Igreja Evangélica Pernambucana, 1998, p. 17, 21-22, para as informações que se seguem.

⁷ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2ª. ed. (1ª. ed.: 1980). Brasília: UNB, [s/d.], p. 315.

⁸ Carta do Sr. S. R. McKay à BFBS. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1826. Apud: REILY, *História documental*, p. 84.

⁹ REILY, *História documental*, p. 78.

As atas e correspondências da SBBE em Londres são ricas em nomes de leigos cuja cooperação gratuita e, às vezes, entusiasta, tornou possível a larga distribuição de Escrituras no Brasil muito antes da vinda do primeiro agente oficial, em 1856.¹⁰

Como parte das estratégias para a circulação dos impressos protestantes no Brasil, sempre se contou com a iniciativa individual, entre as mais importantes, como se percebe pelo que vimos acima. Ao historiarmos o primeiro século de atuação destes indivíduos, isso nos permite inquirir sobre o papel que os impressos tiveram na difusão das idéias protestantes em terras brasileiras, analogamente ao que ocorreu em outros lugares e com outros movimentos. Como foi possível difundir tais publicações contando com um número escasso de indivíduos em meio a uma população esmagadoramente católica? Assim, cabe perguntar: Qual o papel dos editores, livreiros, caixeiros-viajantes?¹¹ Num estudo mais amplo, do qual este deriva, buscamos esclarecer o percurso das edições, desde sua produção até à chegada às mãos do leitor.¹² No presente artigo, ao tratarmos de estratégias específicas de difusão, esperamos contribuir para responder a essas questões.

Depois de três décadas enviando textos para o Brasil, o trabalho das instituições protestantes tornar-se-ia mais sistemático pelo envio de indivíduos especificamente designados para atuar em terras brasileiras em nome daquelas instituições, dando uma outra dinâmica à difusão das publicações protestantes.

1.1 A atuação dos agentes das sociedades bíblicas no Brasil

Uma nova fase inicia-se na distribuição de exemplares das Escrituras e de impressos protestantes quando da chegada ao Brasil de Daniel P. Kidder, em 1837, como o primeiro agente oficial da SBA. O trabalho esporádico e irregular feito por estrangeiros que se dispunham a colaborar com as sociedades bíblicas cederia lugar à atuação de indivíduos dedicados exclusivamente à disseminação da Bíblia e, posteriormente, de outras publicações protestantes.

As informações de que dispomos sobre a difusão das Escrituras por essas instituições são esparsas, não sendo possível apresentá-las de modo sistemático por áreas geográficas ou por períodos. Porém, pode-se ter uma idéia aproximada do volume dessa distribuição mediante alguns números de períodos variados. Na década seguinte à chegada de Kidder, mais precisamente entre 1842 e 1853, apenas a SBA distribuiu no território brasileiro aproxima-

¹⁰ Ibid., p. 83.

¹¹ DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13.

¹² Este artigo resulta da tese de doutorado "As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)", defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP em 2010.

damente 1.500 exemplares das Escrituras em português, ou seja, 600 Bíblias e 900 Novos Testamentos.¹³

Já em 1851 e 1852, a SBBE enviou 1.700 cópias das Escrituras em português para um comerciante no Rio de Janeiro e outras 36, em 1851, para um comerciante da Bahia. De acordo com esse mesmo autor, que consultou documentos da SBBE, a organização enviou, entre 1855 e 1859, pouco mais de 20.000 exemplares da Bíblia e do Novo Testamento ao Brasil.¹⁴

Em 1858, Richard Corfield, primeiro agente oficial da Sociedade Bíblica Britânica no Brasil, viajou pelo Norte e Nordeste, tendo passado pela Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará e Amazonas, onde, segundo relatou, fez a distribuição de 1.363 Bíblias. Antes de iniciar essa viagem, Corfield pedira a um colportor da SBA que lhe indicasse um homem disposto a fazer a viagem com ele para vender os livros, ao que o referido colportor atendeu.¹⁵ Isto indica que a partir de um agente oficial das sociedades bíblicas outras pessoas eram incorporadas à atividade de colportagem pelo Brasil afora.

Outro agente da SBA foi enviado ao Pará, onde desembarcou em 1857, atuando até 1858, tendo falecido quando se encontrava a caminho do Peru. O Sr. Nesbit, acompanhado de sua esposa, dispunha de 2.500 cópias das Escrituras em português, para serem vendidas ou doadas, constando que deu saída a todos os exemplares.¹⁶ A mesma SBA, por sua vez, doou 100 Bíblias e 100 Novos Testamentos à Sociedade Missionária Americana para Pernambuco nos anos de 1863 e 1864.¹⁷

Ainda em terras pernambucanas, neste último ano foram vendidos durante seis meses 482 volumes das Escrituras, dos quais 156 Bíblias e 326 Novos Testamentos. Nos dois anos seguintes, missionários enviados pela SBBE começam a trabalhar no estado, distribuindo 534 Bíblias e 579 Novos Testamentos.¹⁸ Por sua vez, a SBBE relatou ter vendido 52 Bíblias e 249 Testamentos em 1867, enquanto foram doados 29 Testamentos e uma Bíblia. Por meio dos relatos e números acima citados, pode-se perceber que a distribuição das Escrituras e outros textos pelas sociedades bíblicas estendeu-se pelo Norte e pelo Sul do Império do Brasil. Não dispomos de uma série que possa indicar com maior precisão a cronologia da distribuição de Bíblias e outros textos protestantes por essas sociedades, além das informações arroladas acima. No entanto, dados globais dão conta de que 2.227.452 Bíblias ou partes delas foram distribuídas

¹³ Para esta última informação, ver: ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. Primeira fase: 1855-1864. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941, p. 20.

¹⁴ ROCHA, *Lembranças do passado*, p. 21, 108.

¹⁵ *Ibid.*, p. 72.

¹⁶ *Ibid.*, p. 106.

¹⁷ EVERY-CLAYTON, *Um grão de mostarda*, p. 317.

¹⁸ *Ibid.*, p. 318.

entre 1876 e 1929 apenas pela SBA,¹⁹ o que é indicativo do grande volume de edições protestantes difundidas desta forma no Brasil e da importância atribuída por essas instituições à difusão das Escrituras.

Não tardou que as atividades das sociedades bíblicas, distribuindo as Escrituras pelo mundo afora, despertassem a reação oficial da Igreja Romana. O papa Gregório XVI publicou em 1840 a encíclica *Inter Præcipuas – As Insídias das Sociedades Bíblicas*, onde se lê:

Entre as principais maquinações com as quais, neste nosso tempo, os acatólicos de várias denominações se esforçam insidiando os seguidores da verdade católica e desanimando os que buscam viver a santidade da fé, não ocupam o último lugar as sociedades bíblicas. Estas antes instituídas na Inglaterra e depois largamente difundidas em todo o mundo, vemo-las concordemente conspirar com a única finalidade de difundir em grandíssimo número de exemplares as divinas Escrituras traduzidas nas diversas línguas vulgares, disseminando-as indiscriminadamente entre os cristãos e os infieis, aliciando todo tipo de pessoas a lê-las sem nenhum guia.²⁰

Desde a Reforma, observa-se a rejeição oficial católica da leitura das Escrituras pelos leigos. No Concílio de Trento, reagindo ao *Sola scriptura* dos reformadores,²¹ a Igreja “reafirmou a importância da tradição, ao lado da Bíblia, a transmissão oral do conjunto sedimentado dos artigos de fé”.²² Diretriz que, ainda no século 19, portanto, o papado reiterava.²³

Pio IX, sucessor do sumo pontífice Gregório XVI, voltou ao assunto logo no início de seu pontificado, na encíclica *Qui Pluribus – Erros da época* (1846), onde se afirma:

¹⁹ ROSSI, Padre Agnelo. *Diretório protestante no Brasil*. Campinas: Paulista, 1938, p. 145. O autor cita dados oficiais da SBA.

²⁰ GREGÓRIO XVI. *Inter Præcipuas*. In: COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos da Igreja: documentos de Gregório XVI e Pio IX*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 62.

²¹ Bem entendido, o princípio da *Sola scriptura* significava “‘o escrito, e somente o escrito’. Esse princípio, que exige tomadas de posição teológicas baseadas na Bíblia, permite que se recusem tradições humanas que não são atestadas pela Escritura. Isso nada tem a ver com o livre exame introduzido pelo protestantismo liberal somente no século XVIII”. GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, vol. 2, p. 54.

²² JULIA, Dominique. Leituras e Contra-Reforma. In: CAVALLO; CHARTIER, *História da leitura*, p. 79.

²³ O que não quer dizer que a imprensa e a Igreja de Roma estiveram sempre em campos opostos; mesmo antes da Reforma Protestante, o papado havia recorrido aos impressores nas cruzadas contra os turcos; porém, mesmo fazendo uso da imprensa, após o Concílio de Trento, “as normas políticas católicas aprovadas [pela Igreja] destinavam-se a refrear essas novas funções [da imprensa]”. EISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna*. São Paulo: Ática, 1998, p. 167 e 179.

A isso apontam aquelas seitas clandestinas das trevas para a ruína e a devastação, seja do que é sagrado seja do que é público, tendo sido condenadas com repetidas excomunhões pelos bispos de Roma [...]. Isso é o que querem as astuciosas sociedades bíblicas que, renovando a antiga arte dos heréticos, não deixam de difundir gratuitamente e em grande número de cópias, sem se importar com as despesas, os livros das sagradas Escrituras, traduzidos em todas as línguas correntes, contra as mais santas regras da Igreja, e freqüentemente interpretados com explicações errôneas, a homens de todos os tipos – também aos mais rudes –, para que todos, afastadas a divina tradição, a doutrina dos Padres e a autoridade da Igreja católica, interpretem ao seu livre-arbítrio as palavras do Senhor, alterem-lhes o sentido e deslizem, assim, nos mais graves erros.²⁴

Tal reação deveu-se às idéias ultramontanas difundidas no século 19, que se pode apontar como sendo o lado mais conservador da Igreja Católica Romana. Pode-se destacar, dentre as medidas tomadas pelos ultramontanos, o restabelecimento da Sociedade de Jesus e a elaboração de uma série de encíclicas, bulas e vários outros documentos da igreja católica que reforçaram aquela tendência, a exemplo das encíclicas dos papas Gregório XVI (1831-1846) e Pio IX (1846-1878).

Porém, as idéias ultramontanas não estavam tão presentes entre o clero do Brasil no início do trabalho das sociedades bíblicas, pois a vertente jansenista do catolicismo ganhara espaço entre os clérigos brasileiros desde o início do século 19, graças à presença de sacerdotes jansenistas nos seminários de Olinda e do Rio de Janeiro. A relativa afinidade teológica e de certas práticas entre jansenistas e protestantes – como a predestinação e a recomendação da leitura da Bíblia pelos fiéis, além de “uma piedade austera, culto das Sagradas Escrituras e independência com relação a Roma”²⁵ – num primeiro momento facilitou, em certa medida, a atuação dos missionários protestantes no Brasil oitocentista, como atestam os pioneiros das sociedades bíblicas.²⁶ A influência jansenista entre o clero brasileiro deveu-se, também, à publicação e leitura de duas obras fundamentais do jansenismo francês: o *Catecismo de Montpellier* e a *Teologia de Lyon*, presentes no Brasil desde fins do século 18.²⁷

Pode ser somada a este ambiente teológico a relativa tolerância religiosa no Brasil oitocentista, estabelecida pela Constituição monárquica, ao permitir a liberdade do culto doméstico de qualquer religião:

²⁴ Pio IX. *Qui Pluribus*. In: COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos da Igreja: documentos de Gregório XVI e Pio IX*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 81 e 88.

²⁵ LÉONARD, *O protestantismo brasileiro*, p. 43-4.

²⁶ Cf. KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil* (Rio de Janeiro e São Paulo). Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1980, p. 265-6.

²⁷ *Ibid.*, p. 42-3.

A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fôrma alguma exterior do Templo.²⁸

Os primeiros missionários consideraram que tal permissão favorecia um ambiente de maior tolerância religiosa. Para um deles, diante do caráter liberal e tolerante da Constituição,

a tolerância e a liberdade religiosa foram aos poucos se infiltrando no povo, daí estarem muitos preparados para receber com simpatia qualquer movimento que lhes desse aquilo de que até então haviam sido sistematicamente privados: as Sagradas Escrituras.²⁹

Os relatos deste missionário, Kidder, revelam que ele apresentou uma visão positiva acerca da relação da população brasileira com os protestantes estrangeiros. Apesar de ter limitado suas atividades à distribuição de folhetos protestantes e Bíblias, Kidder concluiu que “nenhum outro país católico existe onde seja maior a tolerância ou a liberalidade de sentimentos para com os protestantes”.³⁰

Se, num primeiro momento, a influência jansenista entre o clero católico brasileiro foi favorável à presença dos missionários protestantes, posteriormente o ultramontanismo passou a criar dificuldades àquela missão. A corrente ultramontana católica teve sua influência no Brasil aumentada ao longo do século 19, sobretudo a partir dos anos 1850. Devido à *importação* de clérigos europeus (substituindo os jesuítas que haviam sido expulsos décadas antes) e à formação de clérigos brasileiros na França e em Roma, os ultramontanos lograram vencer os liberais, galicanos e jansenistas dentro da igreja, a ponto de dominarem-na no Brasil por volta de 1870.³¹

1.2 Missionários e agentes das sociedades bíblicas

Os agentes das sociedades bíblicas e os missionários também atuavam na venda dos impressos protestantes, por vezes, ao lado de colportores. Na então província de São Paulo, o agente designado pela SBBE, Richard Corfield, no ano de 1857, “deixou livros depositados para venda em Santos, São Paulo e Campinas”.³² Corfield chegou ao Rio de Janeiro em 1856, como agente da

²⁸ Constituição Política do Imperio do Brazil (de 25 de Março de 1824). TITULO 1º, Art. 5.

²⁹ KIDDER, *Reminiscências*, p. 125-6.

³⁰ *Ibid.*, p. 130.

³¹ VIEIRA, *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, p. 34-8.

³² FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2 vols. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, vol. I, p. 37.

SBBE. Fez várias viagens, atuando na distribuição de Bíblias nos três anos seguintes, totalizando a distribuição a partir de sua atuação 15.227 exemplares diversos das Escrituras.³³

Em 1861, foi a vez do próprio missionário Ashbel G. Simonton vender Bíblias, cuja chegada no porto de Santos ele esperava para janeiro daquele ano. Por estar a pouco mais de um ano no país, sem o domínio da língua portuguesa, seu trabalho durante um ano restringiu-se a “lições dadas em minha pequena escola dominical, como ele comenta, e ter posto algumas Bíblias e folhetos em circulação”.³⁴ “No ano seguinte, um colportor, Silva, da Sociedade Britânica, passou 8 meses na província, dos quais um na Capital, com muito sucesso”.³⁵ Ele chegou a vender 75 Bíblias em apenas nove dias, além de distribuir 150 folhetos num único dia.

Quanto à distribuição de folhetos no Nordeste, vem a propósito o depoimento do reverendo presbiteriano John R. Smith, sobre quando fazia uma viagem pelo estado da Paraíba. “Desembarquei” – conta ele – “e, por algum tempo, me pus a andar com um punhado de folhetos, alguns dos quais vendi e outros espalhei. Talvez sejam uma boa semente”.³⁶

O missionário Frederick C. Glass, também agente da SBA, atuou como colportor e deixou registradas as suas experiências. Em fins de março de 1902, ele partiu do Rio de Janeiro, “para fazer uma viagem com a Bíblia”, acompanhado de um seu irmão, George, e de um brasileiro, Diniz. Iam rumo a Cuiabá, aonde chegaram apenas em primeiro de setembro do mesmo ano, tendo vendido exemplares das Escrituras pelo caminho. Permaneceram na capital mato-grossense por oito dias, vendendo ou distribuindo gratuitamente Bíblias e Novos Testamentos. Além de terem realizado uma pregação pública “no largo da Matriz”, visitaram um sacerdote (ao qual presentearam com um Novo Testamento) e o próprio governador do Estado, que lhes pareceram “pasmados com o empreendimento” dos colportores. Ao longo dos oito dias, realizaram uma “visitação de casa em casa”, oferecendo impressos. De todas estas atividades resultou a venda de 90 Bíblias, 315 Novos Testamentos e 70 Evangelhos (isto é, editados em separata), enquanto que por doação – feitas no hospital e na prisão da cidade – foram distribuídos cerca de 1.100 exemplares, entre Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos.³⁷

³³ ROCHA, *Lembranças do passado*, p. 107.

³⁴ SIMONTON, Ashbel Green. *Diário: 1852-1866*. 2ª. ed. rev. e amp. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 145 (20/01/1861).

³⁵ Apud: FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, vol. I, p. 38.

³⁶ Apud: *Ibid.*, vol. I, p. 133.

³⁷ Excertos do diário de Frederick C. Glass. Apud: REILY, *História documental*, p. 280-1.

1.3 “Caixeiros de bíblias”: os colportores

Concomitantemente ao trabalho realizado por agentes das sociedades bíblicas e pelos missionários, passou a se dar a difusão de impressos protestantes pelos colportores. Assim é que Robert Kalley, em 1856, procurou recrutar três indivíduos madeirenses, residentes em Illinois, para atuarem no Brasil.³⁸ Francisco da Gama, Francisco de Souza Jardim e Manoel Fernandes aceitaram o convite e vieram com suas famílias residir no Rio de Janeiro naquele mesmo ano.³⁹ No Brasil, Francisco da Gama deu início a suas atividades de colportor e “caminhava pelas ruas, oferecendo, de casa em casa, as Escrituras Sagradas e folhetos”.⁴⁰ O papel dos colportores revela-se também pela iniciativa de um indivíduo de Londres que comunicou a um missionário no Brasil que se prontificava a custear o trabalho de um colportor que estivesse disposto a vender literatura protestante.⁴¹

No entanto, esses primeiros colportores que atuaram na corte e áreas circunvizinhas enfrentaram embaraços por parte de algumas autoridades. Os obstáculos colocados por delegados e outros, todavia, foram de ordem legal, mais que de caráter religioso. Relatos contemporâneos contam as vicissitudes de um dos madeirenses acima citados, Manoel Fernandes, segundo os quais esse colportor foi preso pelas autoridades policiais quando “começou a correr todas as estradas [...], procurando ocasião de oferecer o Evangelho e de encontrar quem quisesse possuir o Livro de Deus”.⁴² A razão da prisão, ainda segundo os relatos, fora que o subdelegado de Petrópolis recebera denúncia de um indivíduo a quem o referido colportor oferecera um Novo Testamento, mandando-o, portanto, prender, por não ter licença para vender livros. Manoel Fernandes teria permanecido preso por uma semana, até que foi solto sob fiança. Kalley e Manoel Fernandes esforçaram-se, então, por obter a tal licença, para evitar novos problemas.

Segundo os mesmos testemunhos, mostrava-se difícil conseguir a licença requerida, porque as autoridades “julgavam um fenômeno extraordinário ver homens procurar ganhar a subsistência pela venda de livros e folhetos e nada

³⁸ As iniciativas dos missionários Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley, que chegaram em 1855 ao Rio de Janeiro, deram início ao proselitismo em língua portuguesa pelo país. A primeira congregação que resultou desses trabalhos contava com catorze membros, dentre os quais um brasileiro convertido. Vale ressaltar que esta primeira igreja, fundada em 1858, foi a primeira a realizar os cultos em língua portuguesa; mais tarde, em 1862, passou a se chamar Igreja Evangélica Fluminense.

³⁹ Estes indivíduos madeirenses haviam se convertido ao protestantismo quando da atuação de Robert Kalley naquela ilha, de onde ele e alguns madeirenses fugiram, alegando perseguição católica, indo para os Estados Unidos. Foi desse país que vieram ao Brasil, para onde os Kalley já haviam vindo em 1855.

⁴⁰ ROCHA, *Lembranças do passado*, p. 37 e 41.

⁴¹ *Ibid.*, p. 40.

⁴² *Ibid.*, p. 42.

mais [...]”.⁴³ Aos interessados, disseram as autoridades que “não havia licença só para isso; é preciso que sejam miudezas e quinquilharia”.⁴⁴ Os requerentes recusaram a licença para tal fim, pois desejavam-na apenas para a venda de livros e, assim, continuaram seus trabalhos, mesmo sem a referida licença. Finalmente, entretanto, em 1860, já havia sido criada uma lei “de licença para vender livros, e aqueles que andarem a vender livro sem licença tem de pagar multa”.⁴⁵

Outro dos colportores madeirenses, Francisco da Gama, segundo seus relatos, parece ter sido bem sucedido em seus esforços como vendedor de Bíblias e textos protestantes. Em 1856, tendo recebido de Robert Kalley, em princípios de setembro, 12 Bíblias, 48 Novos Testamentos e 10 exemplares do folheto *Divina Autoridade do Novo Testamento*, vendeu-os todos em poucos dias. Para o ano seguinte, contamos com um relatório mais detalhado das vendas realizadas pelo mesmo colportor entre dezembro de 1856 e junho de 1857 (Tabela 1).

Tabela 1

Relatório de venda de impressos protestantes (1856-1857)				
Período	Bíblias	NT	Folhetos	Receita Réis
12/1856	-	34	45	17\$990
01/1857	29	36	31	77\$270
02/1857	68	28	33	154\$600
03/1857	56	14	21	123\$680
04/1857	35	13	22	77\$000
05/1857	45	29	24	104\$440
06/1857	29	14	7	64\$660
Total	262	168	183	619\$640

Obs. NT = Novo Testamento.

Fonte: ROCHA, *Lembranças do passado*, p. 54.

Percebe-se nos números acima que a venda de Bíblias foi maior que a do Novo Testamento e a de folhetos. Pode-se conjecturar que o êxito da Bíblia, neste caso, se devesse ao interesse da população pelas Escrituras, adquiridas por esta apenas como a palavra de Deus e não como um texto dos protestantes. Além disso, embora, provavelmente, os exemplares das Bíblias custassem mais

⁴³ Ibid., p. 43-4.

⁴⁴ Ibid., p. 55.

⁴⁵ Ibid., p. 111.

que os outros impressos vendidos, os preços praticados pelos colportores deveria ser mais acessível do que o dos exemplares até então encontrados no país.

Em 1858, o mesmo Gama adquiriu da SBBE 150 Bíblias e 300 Novos Testamentos para serem vendidos no Brasil. Pouco depois, no mesmo ano, ele enviou à cidade de Laranjeiras (SP) um volume razoável de títulos, como se segue: 300 exemplares do folheto *Divina Autoridade*; 6 da Bíblia; 20 da *Viagem do Cristão* (ou *O Peregrino*, de Bunyan); 20 do Novo Testamento; e 160 folhetos *de quatro qualidades*. Já no ano seguinte, o vendedor de Bíblias Antônio Marinho da Silva foi responsável pela venda de 490 volumes. No entanto, nem só através de vendas saíam os textos religiosos das mãos destes indivíduos. Durante o período acima, Francisco da Gama ofertou gratuitamente quatro Novos Testamentos e 1.076 folhetos.⁴⁶

O número de homens trabalhando como colportores sob o comando do missionário Robert Kalley (que recrutara Gama) chegou a seis em 1864. As despesas com os mesmos eram custeadas por amigos de Kalley e pela SBA. Estes colportores costumavam levar, às segundas-feiras, os seus relatórios de atividades e dos resultados obtidos para serem lidos por Sarah Kalley, pois “tinham, como obrigação, fazer todos os dias o seu diário, bastante minucioso”, para, depois, “reuni-los e apresentá-los”. De acordo com os detalhes informados pelos colportores, a Sra. Kalley chegava a planejar visitas às famílias que houvessem se mostrado mais receptivas. Mesmo quando os Kalley partiram definitivamente do Brasil, continuaram a enviar-lhes semanalmente os relatórios, aos quais respondiam com cartas. O trabalho desses homens empregados por Kalley na colportagem resultou na venda de 419 Bíblias e 854 Novos Testamentos, de maio de 1863 a maio de 1864.⁴⁷

Os missionários no Brasil ressaltaram a importância da atividade desses colportores. Em um dos relatórios enviados pelo missionário presbiteriano Simonton, ressalta-se:

Convém mencionar com particularidade os serviços prestados pelo Sr. Cardoso e Souza, que se tem ocupado quase que constantemente na venda de Bíblias e de outros livros religiosos, e em conversa de casa em casa.⁴⁸

O missionário Simonton também se referiu à colportagem por leigos, frisando sua relevância. Segundo ele, havia “diversos crentes ocupados neste serviço. São merecedores da nossa estima como cooperadores”. Salientava, porém, que esta atividade deveria ser exercida por todo os protestantes no país, pois “o cristão evangélico que do princípio do ano até o fim não espalha

⁴⁶ Ibid., p. 55, 72, 77, 319.

⁴⁷ Ibid., p. 220, 227, 279, 283, 285.

⁴⁸ Apud: FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, vol. I, p. 217.

nenhum livro ou folheto nem folha, não tem convicção do seu dever”.⁴⁹ As observações do missionário revelam a importância que conferiam à distribuição de textos protestantes no território brasileiro e que buscaram fomentar tal atividade entre os conversos no Brasil.

A relevância do trabalho dos colportores protestantes no país é indicada pela preocupação dos missionários em empregar os trabalhos desses vendedores ambulantes de literatura protestante.

Felizmente, alguns dos relatórios dos colportores foram publicados nos jornais protestantes, nos quais eles prestavam conta do seu trabalho de proselitismo através da distribuição e venda de textos religiosos protestantes. Dos relatórios desses colportores é possível selecionar várias informações que dão a dimensão quantitativa e qualitativa de seu trabalho.

Cândido Costa, que trabalhava para a Sociedade Bíblica Americana, vendeu nos dois primeiros meses de 1916, o montante de 26 Bíblias e 48 Novos Testamentos. Os modestos números alcançados na venda foram justificados pela grande seca que assolou o Ceará no período do trabalho do colportor.⁵⁰ Além de vender Bíblias por todo o Estado do Ceará, Cândido Costa era também músico e professor de curso primário e intermediário. Na igreja, assumiu as funções de diácono e de maestro; na Sociedade Bíblica Americana foi auxiliar do rev. Hugh C. Tucker. Morreu em 1918, ano em que seu trabalho alcançou maior notoriedade devido às polêmicas travadas na imprensa com os católicos.⁵¹

Relatórios mais detalhados foram elaborados por Natanael Cortez, pastor presbiteriano que em suas viagens pelo interior do Nordeste visitava as igrejas pregando e batizando, pois muitas destas igrejas ficavam sem pastores fixos, o que ocorria frequentemente nas igrejas do interior do Brasil. Nestes casos, os textos distribuídos pelos protestantes e que alcançavam os rincões do país serviam como tentativa de suprir a ausência de pregadores e líderes regulares entre os conversos ou entre aqueles a quem se esperava converter. Além disso, o ministro também frequentava as casas dos membros das igrejas, vendia e distribuía literatura protestante. Vejamos um exemplo de sua atuação segundo suas próprias palavras:

Parti a 8 de fevereiro em excursão através dos áridos sertões do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Viajei até 20 de maio. Percorri 160 léguas a cavalo. Sendo um ano seco, pode pensar, quem conhecer a vida sertaneja, a que custo rompi. Sol abrasador, cavalo magro, alimento raro, água ruim e escassa. Visitei Antônio Silvino na prisão, estive em perigo de ladrões, preguei a cangaceiros e descansei um meio-dia com um padre. De julho a outubro trabalhei no Maranhão. Resumo

⁴⁹ SIMONTON, *Diário: 1852-1866*, p. 181.

⁵⁰ CORTEZ, Natanael. *A sagrada peleja: a atuação multifacetada de um pastor presbiteriano no Ceará*. Fortaleza: Casa de José de Alencar (UFC), 2001, p. 67.

⁵¹ *Ibid.*, p. 140-141.

geral: Rompi, já disse, 160 léguas em cavalo magro, 2445 km a trem e sulquei umas 1200 milhas do Atlântico em vapores do Loyd. Preguei umas 90 vezes, ocupei 25 púlpitos e tive alguns auditórios de umas 400 pessoas. Batizei 29 crianças e recebi em profissão de fé 17 adultos, 4 dos quais batizados na infância. Ministrei na inauguração de um templo e assisti a de outro.⁵²

Cortez se tornou pastor no ano de 1915. É deste seu primeiro ano de trabalho o relato acima. A mais inusitada, talvez, de suas atividades como propagador do credo protestante foi uma visita a Antônio Silvino, que se encontrava preso.⁵³ O referido encontro se deu no ano de 1915.⁵⁴

No início do ano de 1922 foi publicado o relatório do colportor Manoel Canuto Alves, informando sobre seu trabalho nos estados de Pernambuco e Paraíba durante o ano anterior. Ele revela os números referentes à venda de títulos religiosos, apresentados na Tabela 2:

Tabela 2

Venda de impressos protestantes: colportor Manoel Canuto (1921)		
Impressos	Quantidade	Valor (Réis)
Bíblias	308	881\$000
Testamentos	478	448\$500
Evangelhos	409	55\$400
Tratados	2.154	1:201\$680
Soma Total	3.349	2:586\$580
Despesas		573\$470

Fonte: *Norte Evangélico*, Garanhuns, 10 de fevereiro de 1922, Ano XV, N. 4, p. 3.

Na apresentação do relatório anual à Sociedade Bíblica Americana relativo a 1920, encontramos uma referência ao desempenho do colportor mencionado acima. O relatório informa que a SBA distribuiu no Brasil:

9.419 Bíblias, 13.128 Testamentos, 24.971 Porções da palavra de Deus, 47.518 exemplares, ao todo. Além de um depositário e vários correspondentes, tomaram parte no trabalho 8 colportores, tendo conseguido melhor vantagem o irmão Manoel Canuto, activo colportor mui bem conhecido no Norte.⁵⁵

⁵² Ibid., p. 53.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Silvino foi o segundo cangaceiro mais afamado do nordeste brasileiro, somente superado em feitos e fama por Lampião. Até hoje é possível encontrar folhetos de cordéis narrando seus atos.

⁵⁵ A Palavra de Deus em circulação no Brasil. *Norte Evangélico*, Garanhuns, 03.03.1921, Ano XIV, n. 6, p. 1.

Portanto, quase 50.000 exemplares das Escrituras, em parte ou no todo, foram disseminados num ano por essa instituição, com destaque para a atuação do colportor Manuel Canuto.

Dispõe-se, ainda, de Antão Pessoa, também colportor nos sertões dos estados de Pernambuco e Paraíba, de um relato de sua viagem realizada no ano de 1922, destacando as localidades que havia percorrido.

Percorrendo Poção, Umbuzeiro, L. do Monteiro, S. Tomé, S. José dos Cordeiros, Desterro, Umburanas, Teixeira, Pastos de Espinhara, Genipapo, Pombal, Formiga e Extrema, o referido colportor pôz em circulação 51 Bíblias, 184 Novos Testamentos e 909 Evangelhos. O producto da vendagem destas Escripturas orçou em 397\$700. Nesta cidade, anteriormente, o sr. Antão Pessoa vendera 21 Bíblias, 59 Novos Testamentos e 80 Evangelhos, tendo apurado 155\$500.⁵⁶

Este tipo de relatório era bastante comum, uma vez que, na qualidade de colportores das instituições que publicavam a Bíblia, o Novo Testamento e textos confessionais, os colportores tinham como obrigação prestar contas dos resultados de suas atividades, incluindo despesas e receitas.

Passado quase um século do início da distribuição de impressos protestantes no Brasil, o trabalho de divulgação e distribuição também era exercido por neófitos, membros brasileiros das igrejas protestantes. Esses, provavelmente, ampliaram a distribuição da propaganda impressa por serem em maior número. Um certo Walter Guimarães foi elogiado pelo reverendo Natanael Cortez, em 1920, por suas atividades pessoais na distribuição de literatura confessional no Ceará. O citado reverendo comenta: “Encontrei-o com um montão de folhetos que, havia pouco, tinha comprado ao sr. F. Glass, para distribuição gratuita”.⁵⁷

Outro aspecto relevante da atuação dos colportores reside no seu papel de predecessores dos missionários e pregadores junto à população. Além de venderem as Bíblias, livros ou folhetos protestantes, eles “servem muitas vezes de meio utilíssimo para a fundação de novos centros protestantes”. Por serem “observadores perspicazes, sondam o terreno onde sua propaganda é mais ou menos eficaz, e informam as seitas das possibilidades dos lugares percorridos”.⁵⁸

Apostando neste efeito da divulgação de textos protestantes, o ministro presbiteriano Natanael Cortez, após pregação realizada em 1912 no vale do Assu, região interiorana do Rio Grande do Norte, afirmou que “diversas pessoas no Assu esperam agora a visita de um pregador [...]. Antes, porém, se faz necessária a visita de um colportor, levando Bíblias e Novos Testamentos”.⁵⁹

⁵⁶ *Norte Evangélico*, Garanhuns, 11.08.1922, Ano XV, n. 22, p. 5.

⁵⁷ CORTEZ, *A sagrada peleja*, p. 177.

⁵⁸ ROSSI, Agnelo. *Diretório protestante no Brasil*. Campinas: Tipografia Paulista, 1938, p. 147.

⁵⁹ CORTEZ, *A sagrada peleja*, p. 24.

O trabalho dos colportores, portanto, foi de suma importância para a divulgação da nova fé, uma vez que muitos deles criaram espaços para a pregação dos missionários entre a população.

Por outro lado, deve ser mencionado que, desde os primórdios da atuação desses colportores, eles aliavam a pregação à distribuição e venda de literatura protestante. O colportor Manoel José da Silva Viana, vinculado a Kalley, foi ao Recife por duas vezes: a primeira em 1869 e a segunda em 1874, tendo conseguido reunir uma dúzia de convertidos na segunda oportunidade. Na terceira de suas viagens a Pernambuco, estabeleceu-se com sua família e passou a congregar em torno de si cerca de trinta pessoas convertidas.⁶⁰ Efetivamente, o trabalho de distribuição de Bíblias e literatura protestante – o que incluía folhetos e livros – precedeu em muitos casos a pregação dos pastores. Estes, às vezes, iam pregar em localidades onde já existisse um pequeno número de adeptos ou de curiosos atingidos pelos textos distribuídos ou vendidos pelos colportores.

Em 1912, ainda se sente falta de missionários que puguem pelo interior do país, como informava o reverendo Natanael Cortez em mais uma de suas viagens pelo interior nordestino, desta vez em Jenipapo, localidade interiorana da Paraíba. Diz ele, ao visitar uma família de fiéis, que, pelo testemunho da mãe, informa que a

única e última visita pastoral que recebera foi do rev. Manoel Machado, em 1901. Depois confortou-se com o abnegado colportor Manoel Canuto, em 1911 e em dias deste ano com a presença do irmão sr. João do Rego que em sua peregrinação através destes sertões tocou a estas paragens.⁶¹

A reação oficial católica à difusão de literatura e impressos protestantes foi formalizada no livro do padre Agnelo Rossi, que traz recomendações aos párocos e aos fiéis, no capítulo “Normas para prevenir ou resistir á propaganda protestante”. Quanto aos *vendedores de Bíblias*, aconselha a não discutir com eles “sobre a não fidelidade das traduções protestantes”. Se fosse, porém, necessário discutir com o colportor, enumeravam-se alguns argumentos básicos para contrapor-se aos protestantes: a ausência de aprovação eclesiástica para a publicação daquelas Bíblias; a supressão de alguns livros na versão protestante; e, para que mesmo os não peritos nas Escrituras pudessem rejeitar a autenticidade da Bíblia *protestante*, bastaria dizer, “sem perigo de erro, que nas Bíblias protestantes há palavras traduzidas de modo a favorecer suas doutrinas particulares”.⁶²

⁶⁰ FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, vol. I, p. 154-5.

⁶¹ CORTEZ, *A sagrada peleja*, p. 40.

⁶² ROSSI, *Diretório protestante*, p. 43, 45.

Há outros indícios das formas de divulgação e convencimento adotadas pelos colportores que vendiam literatura protestante. Segundo um testemunho de então, um destes vendedores ambulantes de impressos, chamado Patrocínio, costumava “escolher uma página do livro que procurava vender e ler um trecho, excitando assim a curiosidade e o interesse do freguês”.⁶³ Já um outro, chamado Félix, levava consigo um exemplar seu da “Bíblia romana” para comparar com o exemplar da edição de Londres, que era a que ele pretendia vender e, assim, desfazer perante os possíveis compradores a acusação de que a Bíblia que os colportores vendiam (a protestante) fosse falsa.⁶⁴ É de se supor que tais métodos ou outros similares fossem praticados por vários outros colportores a serviço da missão protestante.

Essa inserção sistemática na região não passou despercebida pela população, como assinalou Gustavo Barroso,⁶⁵ que, talvez durante a realização de suas pesquisas sobre a cultura popular do Nordeste, observou:

De certo tempo a esta parte, missionarios de egrejas e confrarias protestantes norte-americanas têm fundado capellas e estabelecido nucleos religiosos nas capitães dos Estados de Nordeste. Esses pastores, satisfeitos com o bom resultado obtido ahi com a predica do seu credo religioso, vão enviando outros ao interior, afim de procurarem novas ovelhas para seu rebanho. Como é de supôr, topam no caminho a resistencia dos sacerdotes catholicos e do próprio povo; mas, apezar disso, vão adquirindo proselytos, embora em pequeno numero, e continuam tenazmente sua catechese.⁶⁶

Os protestantes passaram, também, a voltar seus impressos para atingir os seus adeptos nas mais longínquas áreas do país, no sentido de doutriná-los e garantir certa homogeneidade confessional. Com esse propósito, lançaram mão das diversas formas de distribuição que repertoriamos neste artigo. Assim, se os impressos protestantes permitiam pregar à distância, sem que lá fosse, necessariamente, um missionário ou pastor, por outro lado, requeria que, uma vez tendo obtido algum êxito (o que não quer dizer que se possa atribuir, exclusiva ou principalmente, esta expansão àquela distribuição), fazia-se necessário atingir os novos convertidos onde eles estivessem e, mais uma vez, acionavam-se os impressos.

Dentre as estratégias de distribuição dos impressos protestantes pelo país, a que mais se destacou foi o emprego dos colportores. Figura transplantada das tradições européias, foi aclimatada ao Brasil, empregando-se na venda e distribuição de publicações religiosas desde o século 19. Por meio da colportagem,

⁶³ ROCHA, *Lembranças do passado*, p. 321.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 277.

⁶⁵ Autor de diversos livros sobre história, costumes populares, biografias, ficção.

⁶⁶ BARROSO, Gustavo. *Ao som da viola*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1921, p. 506.

os impressos protestantes logravam atingir áreas do país que escapavam ao mercado literário em geral. Além disso, os colportores somavam à função de disseminadores de impressos a de guardas avançadas da missão, estabelecendo contatos prévios que poderiam abrir caminho à pregação direta, uma vez que eles mesmos eram membros das denominações protestantes.

ABSTRACT

Distribution of denominational printed materials was one of the steady features of Protestant institutions, missionaries, and proselytes since the inception of their work in Brazil in the nineteenth century. This article addresses three of the chief strategies for the diffusion of those publications, namely, the editions of the Bible Societies, the work of missionaries, and, particularly, the efforts of colporteurs, who were among the most important agents for the distribution of the Bible, the New Testament, books and tracts issued by Protestant institutions, throughout Brazil's countryside. The significance of colporteurs is underscored by the fact that, besides practicing proselytism, they sold printed materials. For that reason, they ran through wide spaces and reached dwellers of the far countryside, also coping with the shortage of authorized Protestant preachers. The article covers the time-span from 1837, year of the first Protestant publications in Portuguese sent to Brazil, to the 1920s, when a new relationship between the Roman Catholic Church and the Brazilian state took place, thus influencing Protestant work in Brazil.

KEYWORDS

Colporteurs; Protestant printed materials; Bible societies.